

CASAS DAS AVÓS: RELATOS DO HABITAR AS VILLAS EM PELOTAS

FRANCIELE FRAGA PEREIRA¹; ALINE MONTAGNA DA SILVEIRA²; LOUISE PRADO ALFONSO³

¹PROGRAU UFPEL – franfragap@gmail.com

²PROGRAU UFPEL – alinemontagna@yahoo.com.br

³PROGRAU UFPEL – louiseturismo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A proposta do morar se modifica ao passo que a arquitetura se transforma. Com o passar do tempo, a sociedade tem encontrado diferentes maneiras de edificar. Essas transformações vêm sendo acrescidas paulatinamente, até chegarmos a conformação que temos hoje. Dessa forma, é possível estudar a cidade, e observar na malha urbana bens pertencentes a diferentes períodos, cada um representando sua temporalidade.

Essas características também podem ser observadas quando estudamos a tipologia das *villas*. A casa isolada no lote, também chamada de casa de catálogo, casa californiana ou bangalô, tem número significativo de exemplares edificados na cidade de Pelotas-RS nas primeiras décadas do século XX (SCHLEE, 1993). As residências do período apresentam uma série de modernizações, com a incorporação de infraestruturas de água e esgoto, e propostas de novos cômodos (GÉA, 2000). Externamente têm características marcantes, o telhado aparente, os jogos de volume, as entradas marcadas por alpendre e o jardim que circunda a edificação são aspectos significativos da tipologia estudada.

Buscando entender como se dá a ocupação dessas casas por suas/seus moradoras(es), foi desenvolvida a dissertação “Arquitetura Feminina: o cotidiano e os ambientes residenciais nas *Villas* e Casas de Catálogo em Pelotas-RS” da autora deste trabalho. A pesquisa, busca fazer uma aproximação de duas áreas distintas, a Arquitetura e a Antropologia, fazendo a união de estudos e autores de áreas diferentes a fim de entender de que forma as mulheres habitam/ram essas residências. Dentre as entrevistas realizadas entre moradores, moradoras e ex-moradoras dessas casas, um perfil em específico chamou a atenção das pesquisadoras. Os relatos das avós por/em suas casas.

2. METODOLOGIA

Além da revisão bibliográfica, que contou com autores como Schlee (1993) e Géa (2000), para estudo da tipologia arquitetônica, o trabalho realizou entrevistas semi-estruturadas com moradores e moradoras das residências estudadas, dentre essas pessoas, algumas avós. As entrevistas foram gravadas, com consentimento das/os entrevistadas/os e posteriormente transcritas integral ou parcialmente. Devido ao período pandêmico em que foi realizado o trabalho, essas ações foram executadas de forma remota com as/os interlocutoras/es. Apesar de certa falta de intimidade com as tecnologias, as conversas virtuais fluíram bem, de forma que esse não foi um empecilho à realização dessa etapa da pesquisa, como pensado anteriormente. Após a coleta de dados, a reflexão

acerca do material incluiu autores como Barros (1987) e Velho (1981). Ainda buscando entender as relações do objeto “casa” com suas/eus moradoras/es foi utilizado Ingold(2012).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira entrevista realizada foi com a interlocutora M. Z., em um dia de sol, no jardim de sua casa. Vó M., como gosta de ser chamada, é a matriarca de uma família com oito filhos, muitos netos e bisnetos. Durante nossa conversa que durou mais de duas horas, ela relatou diversas histórias. Uma das impressões mais fortes em sua fala é a de uma casa sempre cheia, ponto de encontro dos familiares. Os almoços e churrascos em família são tão especiais que nessa ocasião Vó M., me mostra a última instalação que havia feito na casa, a construção de uma churrasqueira, no jardim da casa, a fim de acomodar melhor à sua família. Sobre os almoços em família, a interlocutora relata:

Todo mundo vem aqui. Geralmente sábado eu faço almoço e aí vem todo mundo, ou churrasco ou almoço, quem pode vim vem e quem não pode vir não vem. Tá todo mundo a vontade. Ou telefonam para mim dizendo ‘vó nós estamos indo tudo pra aí’. Aí corro pra fazer uma coisa e tá tudo certo. A casa é assim. [sic]

A entrevistada L. M. tem perfil muito parecido com a interlocutora M. Z., é viúva e atualmente mora sozinha na residência que a abrigou por oito décadas. Nesse caso em especial, a interlocutora demonstra orgulho em nos contar, que mora nesse edifício desde seus sete anos de idade. Quando questionada sobre a frequência das visitas familiares ela reage:

Ahh sim, inclusive eu não sei se estavam me visitando ou se era que tinham que fazer tempo pra ir pra outro lugar. Eu não sabia se era visita de netinho pra vovó, ou pra fazer tempo. [risos] Porque todo mundo mora longe do centro né e aqui é perto do centro.

Em ambos os casos as avós apresentam preocupação no cuidado e manutenção da casa, pensando no futuro em que não estarão mais entre os familiares. Nesse caso, M. Z. me relata sobre o processo que estava vivenciando no momento, que recentemente havia feito manutenção nas esquadrias das janelas: “Estavam mal, estamos quebrando isso, aquilo. Digo, daqui a pouco eu morro e os herdeiro vão falar ‘que [desleixado] que a vó deixou isso aí?’, então eu mandei arrumar tudo”.

Já a interlocutora L. M., também cita a preocupação em relação ao imóvel após a sua partida. Em sua entrevista ela me relata a história de alguns móveis da casa, e completa: “fico pensando o que [os herdeiros] vão fazer com todas essas coisas quando eu morrer, eles vão vender, porque já tem casa montada”. Mais à frente pergunto a ela pensa em sair dali, ou se já tentaram lhe comprar a casa, nesse momento ela relata:

Mas eu acho minha filha que o dia que alguém comprar isso aqui, vai comprar o terreno, e vai botar a casa abaixo. E vai fazer um edifício. Com certeza [...] Quem é que vai querer comprar isso aqui? Eu não compraria. [...] Pretendo sair daqui só no caixão.

Outra entrevista realizada foi com E. e I. O tempo que moram na residência em questão não é tão longo, estão ali desde os anos 90. Entretanto nem por isso esse imóvel é menos especial para o casal. “[quando eu trabalhava] no banco, a gente sempre morava em imóvel alugado, e a maioria era apartamento e o nosso sonho era ter uma casa.”

A quarta avó entrevistada foi a interlocutora L. E., sua entrevista foi feita de forma remota, juntamente com sua filha C. E. A residência em questão é da família desde a década de 1940, momento no qual os pais de L. E. esperam o imóvel ficar pronto para se mudar para lá. A partir das falas das interlocutoras, percebe-se como a casa representa significados sentimentais para a família. Nesse sentido, as interlocutoras se emocionam quando fazem o seguinte depoimento:

eu hoje passeando com ela, eu disse C., o tamanho daquela casa, e hoje com a arquitetura que ta vindo, tem tanto tipo de reforma que tu podias fazer na casa. Ela me disse mãe, aquela casa é uma senhorinha e eu não quero descaracterizá-la.

O imóvel também tem elementos sentimentais que relembram aqueles que não estão mais ali. Nesse sentido C. E. me relata a sua relação com um imóvel vizinho, que estava em processo de construção:

Eles tinham que fazer um reboco de um muro pelo meu pátio, e eu tenho uma parreira até hoje, que foi plantada pelo meu vô, e eu me comprometi com eles que eu diminuiria o tamanho da parreira, mas que aquela parreira não tinha preço, então eles teriam que fazer todo o reboco com todo o cuidado do mundo com relação a minha parreira, e eles assim fizeram.

Devido ao período em que as entrevistas foram realizadas, durante o ano de 2020 e 2021, um relato marcante e que atravessou todas as entrevistas é a solidão agravada pela pandemia. As avós e o avô entrevistado frequentemente relatam a saudade da convivência com os parentes. Nesse sentido, a interlocutora M. Z. e sua neta L. Z. me relatam a estratégia adotada. V. M. pavimentou um trecho do seu jardim, e coloca bancos ali, para receber os poucos familiares ao ar livre.

L. Z.: Agora o ponto de encontro é aqui [jardim da casa], pra conversar. Pra ninguém entrar na casa pra deixar a vó quieta.

M. Z.: Tem essa praça aqui.. Quando eu fiz isso, o meu neto que mora em Brasília ficou “Bah vó tão linda aquela grama” digo nós ficamos todos molhados, ficava tudo uma coisa... Então resolvi fazer assim... Pois ele chegou e disse assim “Bah vó, fizestes muito bem. Ficou uma pracinha.” Eu nunca chamei de pracinha, aí passou uma senhora e disse assim “ah eu adoro essa sua pracinha!”. Eu disse “ah mas eu nem sabia que isso era uma pracinha”. [risadas]

Em geral, as avós e avôs, ocupam uma função importante na constituição familiar, sua experiência e afetividade com os demais familiares garantem posição de respeito no núcleo familiar (BARROS, 1987). Nesse sentido, suas casas também representam espaços importantes. Nesse lugar acontecem histórias e se materializam lembranças, sentimentos de afeto e também recordações tristes.

4. CONCLUSÕES

De maneira geral, a prática das entrevistas para realização da pesquisa como um todo, contribuiu de forma muito positiva para a realização do trabalho. Essa metodologia possibilitou a interpretação de como as pessoas habitam o lugar da casa e o que as motiva ou impulsiona a execução de modificações.

As falas das interlocutoras sobre suas residências frequentemente fazem relações com as suas histórias de vidas familiares. A casa, esse bem material e edificado, tem significados para além da simples habitação. Ela representa o ninho familiar, o ponto de encontro e união das famílias.

No caso em especial das avós e avô aqui entrevistados, é possível ainda identificar outros aspectos, como por exemplo, a solidão, em uma residência que já foi cheia de familiares em tempos passados. Outro aspecto recorrente é a preocupação do cuidado com esse bem para quando as(o) entrevistadas(o) não estiverem mais aqui. E também a principal motivação das modificações realizadas nas casas, receber e/ou acomodar melhor os familiares.

Nesse sentido, a casa das avós, assim como suas proprietárias, carregam uma série de sentimentos e lembranças caros à suas famílias. O objeto casa, assim como suas donas se abrem, se modificam, e se esforçam para abrigar e acolher à todos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Myriam Lins de. **Autoridade e afeto: avós, filhos e netos na família brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

GÉA, Lúcia Segala. Arquitetura residencial da elite porto-alegrense (1893-1929). *In*: WEIMER, Günter (org.). **Arquitetura, história, teoria e cultura**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2000. p. 11–46.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, [s. l.], p. 25–44, 2012.

SCHLEE, Andrey Rosenthal. **O ecletismo na arquitetura pelotense até as décadas de 30 e 40**. 1993. 215 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.